

# A substância branca de cal<sup>1</sup>

## *The chalky white substance*

Tennessee Williams

Tradução de

Letícia Carolina Batista de Oliveira<sup>2</sup>

Samantha Marques de Souza<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Tennessee Williams, cujo nome verdadeiro é Thomas Lanier Williams, nasceu em Columbus, no Mississippi, em 1911. Williams começou a escrever peças enquanto estudava jornalismo na Universidade de Missouri. Depois de passar por mais duas universidades, Williams se formou em 1938, na Universidade de Iowa. Durante seus estudos — e os anos que passou afastado das universidades —, ele continuou escrevendo peças. Seu primeiro trabalho a obter um grande sucesso foi *The glass menagerie*, em 1944. Tanto essa peça quanto suas próximas publicações ganharam prêmios prestigiados, tornando Williams conhecido e criticamente aclamado.

*The chalky white substance* é uma peça de um ato concebida por Williams nos anos finais de sua vida, em um momento de mais aceitação da comunidade LGBTQ+ — em comparação às décadas anteriores —, mas enquanto ele se sentia sozinho. Essas duas questões estão presentes na peça através da representação, abertamente, de uma relação entre homens, porém apesar de estarem juntos, não podem contar um com o outro. Foi publicada pela primeira vez em 1991, na coletânea *Plays in One Act*, editada por Daniel Halpern, segundo Cohn (1997).

---

<sup>1</sup> Tradução realizada para a disciplina LLE8032 - Prática de Tradução, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alinne Balduino Pires Fernandes no semestre de 2020.2.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras - Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Florianópolis, Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. E-mail: leticia-cbatista@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9521-4164>.

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras - Inglês na Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Florianópolis, Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. E-mail: samanthamsouza4@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2003-1472>.

## Tempo e local

*Um século ou dois depois da nossa época e possivelmente o mesmo tempo depois de uma guerra termonuclear. Em frente a um ciclorama de um céu sem nuvens, porém levemente embaçado por pequenos grãos de algo parecido com ossos velhos pulverizados, há um impulso para cima e para baixo, uma elevação no centro da frente do palco.*

*Abrem-se as cortinas.*

*Um jovem chamado LUKE, de cerca de vinte anos, senta em uma elevação e espera perplexa e ansiosamente. No fundo do palco e à esquerda dele está sentado um homem jovem, cerca de oito anos mais velho, observando-o com uma expressão fixamente enigmática. Ele será chamado MARK.*

*Depois de alguns momentos, MARK se levanta e desliza furtivamente de seu local no fundo do palco, desaparecendo de vista por um minuto, durante o qual LUKE tira do seu bolso uma pequena garrafa de metal contendo água e um pano o qual ele umedece e com o qual ele limpa seu rosto cuidadosa e gentilmente. Assim que ele devolve a garrafa e o pano ao seu bolso, MARK silenciosamente aparece atrás dele e se abaixa para colocar suas mãos grandes e poderosas nos olhos de LUKE.*

*LUKE senta-se na beira íngreme de um precipício sobre o que é presumivelmente o leito de um rio seco. (É chamado, agora, de Arroyo Seco.) Ele tem uma característica pura e luminosa em seu rosto quando o capuz do seu manto de monge é jogado para trás. Durante a breve peça há um vento que aumenta e diminui, sempre infinitamente triste, tanto em sua implicação, quanto em seu som real, pois esse é o vento, tão enrugado e ressecado como um ser terminal, que sopra constantemente na terra.*

Mark: (Em um grunhido alto e prolongado). Queeeeem?

Luke: Vocêeeeeee! — Você pode disfarçar sua voz, mas não suas mãos. O que te atrasa tanto?

Mark: Meninos são curiosos, não? Como assim o quê? Eu não estou atrasado. Se você tivesse se virado, teria me visto sentado naquela pedra ali atrás.

Luke: Por quê?

Mark: Eu pensei comigo mesmo, “Essa pode ser a última vez que eu vou observá-lo, sentado ali, esperando por mim?”

Luke: Você está planejando ir embora? Para algum lugar? Sem mim?

Mark: Partir? Para longe de você? Para longe desse precipício acima do Arroyo Seco, essa desolação, tão bonita vista através da película permanente oferecida pela — substância branca de cal? Não, eu não estou partindo. Mas como vou saber se você não está?

Luke: Uma partida secreta? Uma que eu não mencionei para você?

Mark: Você não sabe que partidas podem ser feitas sem aviso? Você não fala que está indo, você nem sabe que está indo, e então *(Estala os dedos.)* você se foi. A vida é cheia de partidas repentinas; que pena que a morte não é. *(MARK tira suas mãos dos olhos do jovem.)*

Mark: Não cubra seu rosto com esse capuz.

Luke: Ele protege meus olhos da poeira sempre soprando, soprando constantemente — de onde?

Mark: A terra, cada vez menor, virou só deserto e montanhas estéreis. Na nossa parte dela, esses arredores, a maioria dessa coisa branca de cal vem do Arroyo Seco, ali embaixo. Eu ouvi que uma vez, há uns duzentos anos, tinha um rio ali — não tem nada mais seco e empoeirado que um *arroyo* no qual existia um rio que já secou.

*(O jovem coloca o capuz sobre a cabeça; MARK o puxa de volta.)*

Luke: Achei que você admirava meus olhos por serem tão claros, não por estarem inflamados?

Mark: Nesta noite, deixe que eu olhe bem para o seu rosto, o memorize, como se eu nunca fosse vê-lo de novo.

Luke: Você disse que não estava indo embora e eu disse que eu também não — ainda não entendo por que você me deixou esperando aqui enquanto você estava lá atrás o tempo todo.

Mark: Você aprende muito sobre alguém que você gosta ao observá-lo sem que ele perceba. Você nota se ele espera com indiferença ou cada vez mais preocupado conforme o tempo passa, ah, você aprende muitas coisas que não saberia de outra forma.

Luke: O que você observou que ainda não sabia?

Mark: Cada vez mais tensão em você conforme o céu foi escurecendo.

Luke: Você sabe que eu tenho medo do escuro quando estou sozinho à noite. Se tivesse escurecido um pouco, eu teria voltado para casa e perdido nosso encontro.

Mark: — Medo, esse é um sentimento ruim.

Luke: Uma coisa natural de se sentir. Agora que há muito menos mulheres do que homens, existem bandos de nômades que agarrarão um menino após o anoitecer e —

Mark: Eu sei. O destruirão. E quando seus desejos são saciados, não sobra nenhuma testemunha, apenas corpos sem vida. — Recoste-se.

*(LUKE se inclina para seu abraço.)*

Sempre me impressiona, a maciez da sua pele debaixo do manto, nem um pouco afetada pela substância branca de cal.

Luke: Eu sei que você gosta do toque da pele macia, então mantenho a minha macia para o seu prazer.

Mark: Como você faz isso?

Luke: Antes de ir encontrar você aqui, eu me banho e imediatamente visto meu manto.

Mark: Você se banha uma vez por dia sempre que vem me encontrar aqui, não só à noite, como ordenam?

Luke: Eu me banho duas vezes, uma para você e novamente à noite, Mark.

Mark: Banhar-se duas vezes? Você disse duas vezes? Mas isso significaria que você ignora as restrições de água como se elas não existissem. — Sabe, isso confirma minhas suspeitas de que você tem outro protetor, um em uma posição alta no regime, seu—traidor, isso, você consegue violar as restrições porque você se entrega à noite para alguém com muito poder entre os —

Luke: Eu nunca tive mais de um protetor por vez. Esse único protetor de agora é você.

Mark: Antes de mim, você tinha outros.

Luke: Eles eram necessários. Eu quase não me lembro dos meus pais. Vou dizer algo que vai te divertir. Na parede da minha casa, tenho um quadro colorido da senhora que se chamava Madonna.

Mark: Aquelas velhas fotos mitológicas são uma raridade agora e podem ser vendidas para o centro por privilégios especiais, sabia.

Luke: Prefiro manter a foto na minha parede.

Mark: O que você ia me dizer que ia me divertir? Algo sobre a foto da Madonna?

Luke: Uma vez eu tive um protetor. Certa manhã, quando acordei, ele estava parado olhando para a foto. Ele disse: “Esta é sua mãe?”

Mark: Pensou que a Madonna era sua mãe...

Luke: O engraçado é que eu disse: “Sim, aquela é, aquela era minha mãe.” — As mulheres eram um conforto. — Por que elas estão desaparecendo? Elas sucumbem mais rapidamente ao cal que está sobre nós todos agora?

Mark: A terra não tem como sustentar sua população cada vez menor. Não tem muita comida, ainda menos água. Eu ouvi que um homem usa uma mulher por um tempo e depois, quando ela não desperta mais desejo nele, não como antes, ele provavelmente vai destruí-la. Sabe, Luke, o confronto entre as pessoas, que aconteceu há tanto tempo e mal tem registro, eu acredito que teve um efeito brutal. Você me entende?

Luke: Brutal — ?

Mark: Efeito contrário ao dos cuidados de uma Madonna.

Luke: De modo que agora temos apenas um ao outro.

Mark: Eu já te disse que eu tenho uma mulher em casa?

Luke: Uma mãe? Uma Madonna?

*(MARK ri com aspereza.)*

Mark: Não, o que restou de uma menina, os restos dela, usada demais, sem ser capaz de me excitar ou mesmo me — servir... apenas de cambalear, parecendo cada vez mais assustada. Eu suspeito que ela saiba.

Luke: Você suspeita que ela sabe o quê?

Mark: Que o seu olhar debilitado, assustado, os sons dela se engasgando à noite —

Luke: Da doença? Ela a tem?

Mark: Ela respirou muito cal. Eu acho que ela sabe que logo será necessário me livrar da sua presença na minha casa.

Luke: Eu não acho que você vai fazer isso. Não, você não poderia fazer isso.

Mark: Você não sentou por uma hora me observando enquanto te esperava, então você me conhece menos.

Luke: Já que eu te conheço completamente —

Mark: Você tem certeza que conhece?

Luke: Me sinto seguro com você, Mark. E quanto à mulher que você nunca mencionou antes, você contou a ela sobre nós?

Mark: Eu não digo nada pra ela agora a não ser, “Ah, você ainda está aqui? Vai deitar naquele cantinho ali e não tussa e não rasteje na minha direção.”

Luke: Você está inventando tudo isso, eu sei que não é verdade.

Mark: Você sabe tão pouco, menino. Pouco o suficiente para ser perigoso. Você não sabe o suficiente para ser desconfiado.

Luke: Ah, eu desconfio de todos, exceto de você, Mark.

Mark: Isso pode ser um erro. A menina usada na minha casa, ela — também já confiou em mim, como você. Mas quando eu for para casa essa noite, se ela ainda estiver lá — ela vai pra fora, vou abrir a porta e jogar o corpo vivo ou morto dela aos ventos que ela não consegue suportar, que vão levá-la embora e enterrá-la na poeira branca. Não, não confie. Então. — Você disse que se banha duas vezes por dia, antes de vir aqui me encontrar e de novo à noite, violando as restrições de água?

Luke: Quando eu era muito jovem —

Mark: Mais novo do que agora?

Luke: Pouco mais que uma criança. Eu tive um protetor, meu primeiro, que era muito inteligente, muito entendido de coisas secretas, mecânicas. Eu disse isso certo?

Mark: Perfeitamente. Continue.

Luke: Um dia ele colocou seu ouvido na terra.

Mark: Dentro ou fora da casa?

Luke: Tanto dentro, quanto fora, e ele descobriu que não muito abaixo da terra, correndo embaixo da casa, havia uma água, ele disse uma corrente, não larga, nem profunda, mas —

Mark: Ahhh...

Luke: Ele era um homem forte, ele cavou e cavou para baixo até lá e construiu degraus com pedras.

Mark: Mas quando a casa é inspecionada pelos —

Luke: Inspetores, não. Veja, a abertura para os degraus está coberta com uma pele de animal velha e seca, e mesmo se os inspetores olhassem sob este couro maltrapilho — você sabe que os olhos deles são ruins, meio cegos pelo cal — eles não notariam a largura das rachaduras.

Mark: Pelas quais você pode levantar a cobertura para a nascente de água subterrânea? — Que tolice da sua parte!

Luke: Ele fez tudo, não eu.

Mark: Mas ele já se foi e você a tem toda para si mesmo, para seu uso pessoal e — ilegal. Você não é nem um pouco sensato.

Luke: *(Dando de ombros.)* Devo viver e, para viver, devo agradar.

Mark: Mas você não deve falar sobre isso.

Luke: Claro que não. Para ninguém além de você.

Mark: Não, nem mesmo para mim, porque ao falar disso para mim, você me torna um conspirador com você, tão criminoso quanto você.

Luke: Ah, mas — você —

Mark: Sofreria a mesma penalidade que você, sabendo do que você me contou e não — informando.

Luke: Quem você iria —

Mark: Informar? Aqueles para quem se informa. O Regimento, as autoridades do regime. *(Pausa.)*

Luke: Você acreditou nessa história? Você não sabia que foi tudo inventado? Apenas uma invenção, como a sua sobre a mulher e o que você fará com ela esta noite?

Mark: Aquilo não foi invenção. E muito menos o que você me contou sobre a nascente subterrânea.

Luke: Você está me segurando tão apertado que é difícil respirar.

Mark: Você é um menino ágil. Você pode subitamente se levantar e correr para longe.

Luke: De você?

Mark: Claro, agora que você percebeu que cometeu um erro tão perigoso. Eu suspeitava de algo. E agora eu sei.

Luke: Mas também sei de uma coisa.

Mark: O quê?

Luke: Você me disse o quão completamente me ama.

Mark: Algo que eu também falei para a mulher quando eu a desejava.

Luke: Ela não continua te atraindo. Eu sim. Não é, Mark?

Mark: Você me expôs a um segredo que, se eu não falar para as autoridades, estarei sujeito à mesma pena que você. Você sabe quais são essas penas?

Luke: Um período na prisão, mas —

Mark: Um longo, longo período, e mesmo que você esteja vivo quando acabar, você seria — irreconhecível, Luke.

Luke: Eu ficaria desfigurado, é isso?

Mark: Por mais do que o tempo, mais do que o efeito terminal da substância branca de cal. *(Ele aperta seus braços mais fortemente em volta de LUKE.)*

Luke: O que você, por que você — !

Mark: Eu devo te entregar para eles e repetir sua confissão e — receber a recompensa. Você sabia que existe uma recompensa para quem entrega uma pessoa que viola as leis, as restrições? As autoridades o encaram com mais respeito, às vezes ele recebe um título e suas licenças são estendidas. Os inspetores visitam — respeitosamente — sua casa, eles sorriem e dizem, “Esse lugar precisa de algumas melhorias compatíveis com sua nova posição. Nós resolveremos isso agora mesmo.”

Luke: As autoridades são cruéis.

Mark: Eu entendo que essa sempre foi a natureza deles, mesmo antes que as pessoas da terra se dividissem em dois ou três grupos hostis que lutaram por posses e domínios com os grandes dispositivos explosivos. — Quem ganhou? — Ninguém. *Ninguém!*

*(A palavra em itálico é ecoada depois de alguns momentos, do lado oposto do abismo.)*

— Ouviu? Sabe o que foi aquilo? Como se alguém tivesse chamado de volta? Aquilo foi um eco. Tantas palavras antigas não são mais utilizadas e conhecidas. *(Pausa.)*

Luke: As autoridades são corruptas, mas não precisamos imitá-las.

Mark: Para salvarmos nossas peles, precisamos sim.

Luke: Ainda valeria a pena salvá-las?

Mark: Eu entendo que costumavam existir considerações chamadas moral. E para essas considerações, moralidade, algo como a traição de alguém que você ama seria considerado desprezível. Mas isso foi antigamente, muito antes de eu me lembrar. Pare de se debater. Eu sou duro e forte. Qual o propósito? Você não pode escapar. A luz já se foi. Nós devemos ir.

Luke: Para onde? Para a caverna? Ou para a minha casa?

Mark: Para nenhum dos dois nessa noite, Luke. Nós vamos para o cabildo onde você será confinado até não ter mais uso, até o fim do seu tempo. — Tempo!

*(A pausa; o eco.)*

Luke: Então me mate. Mate-me, Mark!

Mark: E sacrificar a recompensa? *(O vento aumenta. LUKE se debate impotentemente no aperto de MARK.)* Chame-o, o grande protetor chamado Deus. Não tem fôlego? Eu O chamo para você. Pro-te-tor!

*(Pausa; o eco.)*

Que criatura enorme, que besta imensa Ele deve ter sido para ter deixado ossos brancos tão gigantescos quando Ele morreu... Há muito tempo atrás, os ossos Dele, agora transformados em pó que sopra e sopra sobre Sua criação — destruída...

*(Ele carrega LUKE, se debatendo futilmente, descendo o declive do fundo palco, e o palco escurece.)*

## REFERÊNCIAS

COHN, Ruby. Tennessee Williams: The last two decades. In: ROUDANÉ, Matthew C. (ed.). *The Cambridge Companion to Tennessee William*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. cap. 12, p. 232-243.

WILLIAMS, Tennessee. The chalky white substance. In: HALPERN, Daniel. *Plays in one act*. 1. ed. Hopewell: Echo Press, 1991. p. 467-473.